

# A CLÍNICA E A EDUCAÇÃO: bell hooks e Paulo Freire em contextos de psicoterapia

Gabriel Barth da Silva<sup>1</sup> 

## RESUMO

O presente ensaio busca, partindo de produções acadêmico-científicas na área da Psicologia acerca de processos clínicos contemporâneos, apropriar-se de conceitos do campo da Educação, nomeadamente da produção de bell hooks (amor) e de Paulo Freire (sonho e boniteza), para promover instrumentos teóricos que permitam abordar tópicos clínicos que decorrem de experiências cotidianas. O olhar transdisciplinar para as ciências humanas permite aumentar o leque de ferramentas na intervenção com sujeitos que vivenciam desafios comuns para profissionais que se dispõem a trabalhar com o objeto de relações interpessoais contemporâneas, permitindo que instrumentos sensíveis, afetivos e acessíveis sejam de imensa importância, independentemente do contexto profissional. A presente reflexão espera, além de promover a aplicação dos termos dispostos no trabalho em um contexto clínico, promover cada vez mais reflexões teórico-profissionais transdisciplinares no campo das ciências humanas.

**Palavras-chave:** Psicoterapia, Psicologia, Educação, Transdisciplinaridade, Cotidiano.

## THE CLINIC AND THE EDUCATION: bell hooks and Paulo Freire in psychotherapy contexts

### ABSTRACT

This essay seeks, starting from academic-scientific productions in the field of Psychology about contemporary clinical processes, to appropriate concepts from the field of Education, namely the production of bell hooks (love) and Paulo Freire (dream and boniteza), to promote theoretical instruments that allow approaching clinical topics that arise from everyday experiences. The transdisciplinary look at the human sciences allows increasing the range of tools in the intervention with subjects who experience common challenges for professionals who are willing to work with the object of contemporary interpersonal relationships, allowing sensitive, affective and accessible instruments to be of immense importance regardless of the professional context. The present reflection hopes, in addition to promoting the application of the terms provided in the work in a clinical context, to promote more and more transdisciplinary theoretical-professional reflections in the field of human sciences.

**Keywords:** Psychotherapy, Psychology, Education, Transdisciplinarity, Everyday life.

<sup>1</sup> Universidade do Porto

Autor Correspondente: Gabriel Barth da Silva  
E-mail: gabrielbarths@gmail.com

Recebido em 09 de Junho de 2022 | Aceito em 27 de Outubro de 2022.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente ensaio pretende, partindo centralmente da produção teórica de Kehl (2015), Safatle, da Silva Junior & Dunker (2021) e Cabanas & Illouz (2019), refletir sobre a realidade da clínica em Psicologia em um contexto contemporâneo, atravessado por diversos dilemas no microcosmo da prática de psicoterapia e dos sintomas gerais que advém da inserção de indivíduos em uma estrutura social capitalista. Partindo dos dilemas de que a própria clínica pode servir como máquina de manutenção do *status quo* a partir de uma reprodução de sujeitos que buscam narrativas de melhoramento de si e de produtividade, apoiadas por produções científicas que ressaltam essa estrutura ideológica, o presente ensaio pretende refletir sobre como instrumentos transdisciplinares no caso proposto, advindo do campo da Educação, podem auxiliar na prática de psicólogos para o cotidiano clínico, instrumentalizando conceitos emancipatórios e sensíveis em diversos casos que representam sintomas contemporâneos.

Como exemplos do instrumental teórico advindos do campo da Educação, são delimitados os conceitos de amor, como pensado por bell hooks (2001, 2013), e de sonho e boniteza, no caso de Paulo Freire (2005, 2014, 2021). A escolha desses autores se deu a partir do intercâmbio possível de pensar o cuidado e o afeto enquanto instrumentos para trabalhar com contatos humanos, pois, mesmo que o contexto inicial da formulação dos conceitos se dá em torno do campo da Educação, sua aplicação na Psicologia e na prática em psicoterapia torna-se possível quando percebe-se que são sujeitos também em processo de formulação do próprio conhecimento sobre e si e sobre o mundo a partir da própria experiência e dos contatos interpessoais cotidianos.

O amor, como apresentado por bell hooks (2001), auxilia em descentralizar o apenas sentir um sentimento para o ressignificar enquanto uma prática cotidiana crítica e emancipatória, sendo pensada essa proposta no presente estudo enquanto possibilidade para a inserção de novas camadas na clínica psicoterapêutica. Enquanto isso, a obra de Paulo Freire (2005, 2014, 2021) permite instrumentalizar seu conceito de sonho enquanto a busca por objetivos comuns, críticos e emancipatórios no processo de engajamento de sujeitos com seus, avaliando suas tomadas de posição e suas ações que esse espaço comum delimitado. Seu outro termo, boniteza, pode ser pensada como um conceito com a crença de uma mudança, a partir de uma práxis de consciência crítica, amorosa e com dignidade.

Considerando como os termos aqui dispostos permitem pensar a realidade de forma crítica, emancipatória e, ao mesmo tempo, acessível para diversas populações, sem se restringir a um vocabulário erudito ou que finaliza sua compreensão dentro de um escopo teórico que requer uma base epistemológica prévia, incentiva-se a instrumentalização dos conceitos previamente citados em um contexto clínico atualmente disputado entre diversas propostas psicológicas de caráter ideológico contraditório, permitindo um uso sensível e libertador para pensar os processos psicológicos contemporâneos. Espera-se, ao final do presente ensaio, permitir uma reflexão que incentive cada vez mais a busca por instrumentos nas diversas áreas do conhecimento para repensar as práticas profissionais cotidianas para quem trabalha com as mais diversas categorias de pessoas, com seus potenciais afetivos e críticos.

## 2. A CLÍNICA EM UM CONTEXTO NEOLIBERAL

A realidade cotidiana ocidental contemporânea é atravessada por diversas instâncias de controle social e manutenção comportamental, visando um infinito acúmulo de capital para as empresas que detêm as tecnologias nas quais os sujeitos estão inseridos. Como Zuboff (2021) apresenta, vive-se atualmente a era do capitalismo de vigilância, que reivindica de maneira unilateral “a experiência humana como matéria-prima

gratuita para a tradução em dados comportamentais” (2021: 18), gerando um superávit comportamental que permite o aprimoramento de produtos e serviços de inteligência de máquina, gerando previsões que antecipam o que um sujeito faria ou manufacturando os próprios comportamentos dos indivíduos, incapacitando qualquer premissa democrática para quem participa desses processos.

Nesse processo de inserção de sujeitos, as subjetividades são modificadas continuamente a partir de práticas capitalistas digitais, como apresenta Bridle (2019), que mascaram-se como um fenômeno neutro de progresso tecnológico e social. Bridle ressalta como em 2015, o dióxido de carbono na atmosfera superou 400ppm (partes por milhão), e que no ritmo atual há a previsão de até o fim do século superar 1000 ppm, nível que resulta em uma queda de 21% da capacidade cognitiva humana, além de apresentar que “medidas substanciais de escolas na Califórnia e no Texas em 2012 romperam os 2000 ppm” (2019: 88). Esses reflexos ambientais que advém do desenvolvimento de um capitalismo tardio não reflete no fortalecimento de um Estado de bem-estar para a população, pois como demonstra Piketty (2014), os níveis de desigualdade social se assemelhavam em 2014, nos Estados Unidos, a padrões comparáveis com 1916, época de maior desigualdade mundial, refletindo parâmetros percebidos no século XIX.

Esses processos inerentemente afetam o cotidiano da classe trabalhadora pois, como demonstra Augé (2012), esses fenômenos são percebidos e geram um pessimismo generalizado acerca do futuro, explicitando o tempo limitado de vida do planeta, sobre as desigualdades que não foram mitigadas a partir das promessas da modernidade, além de uma profunda contínua desigualdade entre países de primeiro e terceiro mundo, gerando uma consciência global infeliz. Porém, mesmo esse descontentamento é marcado por uma contínua presença do fantasma neoliberal de competição e de sobrevivência no contexto da modernidade ocidental, como apresenta Crary (2016), em que “hoje são raros os momentos significativos na existência humana (com exceção do sono) que não tenham sido permeados ou apropriados pelo tempo de trabalho, pelo consumo ou pelo marketing” (2016: 24).

O sujeito é marcado por uma temporalidade ininterrupta de estímulos que, como foi definido pelo capitalismo na era de informação, modificam seu comportamento e inserem diversas contingências que buscam gerar um eterno engajamento de produtividade e consumo. Nesse processo, “somos incitados a suspender ou disfarçar ilusoriamente algumas das aborrecidas limitações da experiência vivida, seja emocional ou biológica” (Crary, 2016: 110). Pensar, portanto, as condições em que o indivíduo vivencia seu cotidiano na contemporaneidade é essencial para compreender as demandas que emergem e são sustentadas na psicoterapia atualmente.

Nesse contexto, é importante recuperar o trabalho de Kehl (2015) sobre as depressões na atualidade. A autora defende os sintomas na clínica enquanto, também, possibilidades de manifestações das sociedades, percebidas enquanto organismos vivos em permanente transformação, em que o depressivo pode ser percebido enquanto um sujeito que não se adapta sobre a temporalidade capitalista neoliberal, como previamente apresentada por Crary (2006), por exemplo.

Portanto, pode-se perceber que a proposta de Safatle (2021) acerca do design psicológico proposto em uma lógica neoliberal é de imensa relevância ao perceber as demandas dos sujeitos na clínica em psicoterapia. Há uma produção de relações interpessoais atravessadas pela “generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida” (Safatle, 2021: 30). Não há uma clínica fora da estrutura social na qual ela é inserida, e considerando que muitas vezes a busca se dá a partir de um sofrimento psíquico que advém da realidade cotidiana, a próxima parte do presente ensaio busca pensar o lugar e as funções da clínica que atua no contexto capitalista.

### 3. A PSICOTERAPIA ENQUANTO MANUTENÇÃO DE UMA ESTRUTURA PRODUTIVISTA

Como é apresentado por Kehl (2015), o aumento epidêmico das depressões pode estar associado com novas estratégias de vendas de laboratórios farmacêuticos que, buscando vender cada vez mais remédios derivados, patologizam de forma generalizada a vida cotidiana. Considerando o padrão sustentado pelo capitalismo tardio, caracterizado pela era da informação, é possível perceber como padrões de vivência que não correspondam aos previamente elencados, originados em uma dinâmica capitalista, são patologizados, promovendo uma temporalidade que deve ser estruturada em contínuos padrões de ação, sempre vinculados ao consumo, sendo ela “uma temporalidade vazia, na qual nada se cria e da qual não se conserva nenhuma lembrança significativa capaz de conferir valor ao vivido” (Kehl, 2015: 116). Sem haver um tempo do compreender, de reflexão sobre suas experiências, há a promoção de uma vivência descontextualizada e despotencializada.

Nesse contexto, os sujeitos, sob a égide do neoliberalismo, como apresentado por Franco et al (2021), servem a ordem do mercado em um palco que apresenta um jogo de concorrência e otimização de capacidades competitivas, interiorizando normas de performance e autovigilância para atingir esses objetivos, já que é um modo de política que se impõe de forma imponente e hegemônica no cotidiano das sociedades capitalistas. Considerando o que foi exposto acerca dos sintomas sociais que advém exatamente desse modo de ser sobre o indivíduo, que, além de patologizar padrões desviantes dessa norma, afeta biopsicossocialmente todos que são obrigados a subir nesse palco, há uma busca na clínica psiquiátrica e psicológica de formas de resolução de sofrimentos psíquicos que tenham como fim um aprimoramento de si sobre a ordem e a norma do capitalismo de mercado.

Nesse contexto, Neves et al (2021) ressaltam como dentro da própria clínica há uma mudança de lógica interna em que as pesquisas científicas buscam cada vez mais responder sobre as demandas dos psicofármacos, em que os “campos da pesquisa e da prática psiquiátricas se retroalimentam, permeadas por essas pressões econômicas” (2021: 130). Nesse processo, mais do que um enfoque no sofrimento, em suas causas, razões e possibilidades de ação, é pensado em uma melhor performance social, laboral ou esportiva do sujeito, pensando na maximização de potencialidades do sujeito com critérios de mercado. Nessa lógica, todos podem ter uma versão “melhorada” de si, aumentando novamente o escopo para intervenções psicofarmacêuticas ou de psicoterapia que busquem esse propósito.

Como expõe Dunker (2021), esse processo de formação de uma clínica neoliberal individualiza o fracasso do sujeito deprimido, culpando-o de sua condição, invisibilizando o aspecto político que atravessa esse fenômeno e estabelece essa perspectiva sobre os sintomas que possuem origem nas experiências sociais. Existem diversos interesses na ocorrência desses processos contemporâneos, os quais, mesmo gerando sofrimento psíquico, acabam se apropriando desse sofrer para gerar novas indústrias.

A clínica em psicoterapia, local central para compreensão das razões do sofrer do sujeito em um ambiente individualizado e de escuta, pode exatamente reproduzir esses pressupostos da estrutura social, silenciando o sofrimento que advém da experiência e despotencializando a possibilidade de emancipação do indivíduo. Isso pode ser percebido a partir de estudos como o de Cabanas & Illouz (2019), que refletem de forma crítica acerca da obsessão sobre a felicidade e positividade, dirigindo diversas críticas aos modelos teóricos de Psicologia Positiva, em que, seguindo lógicas individualistas que muitas vezes advém de econômicas de mercado, objetivam uma busca individual de felicidade acima de um desenvolvimento comum de desejos comuns através de regulações por instituições públicas. Nessa troca, cria-se um indivíduo consumista de uma lógica de melhoramento contínuo de si e eterno que nunca é completado, necessitando um contínuo retorno ao mercado para dar continuidade ao processo estabelecido por esse modelo teórico.

É ressaltado por Cabanas & Illouz (2019) como a felicidade é utilizada como modo de controle em uma busca obsessiva de lógica consumista, em que diversos resultados científicos são maquiados para comprovar esse modelo de atuação clínica. Cria-se, novamente, uma retroalimentação do mercado, que gera diversos produtos e serviços para responder a essa busca por felicidade, em uma validação científica desse modo de atuação em psicoterapia, que apresenta uma ilusão de felicidade enquanto escolha, culpabilizando quem não busca essa forma de ser e opta por perceber as falhas e os sofrimentos da vida como escolhas dos sujeitos.

Considerando os aspectos apresentados, pode-se perceber como a clínica em psicoterapia atravessa um momento de diversas tensões em inúmeras instâncias, com contínua interferência e modulação do mercado sobre as perspectivas dos sujeitos que buscam apoio psicológico em decorrência de contingências estruturadas pelo próprio mercado. Partindo dessa realidade, o presente ensaio pretende discutir como o apoio a termos de outras áreas do conhecimento, nomeadamente, no presente caso, a Educação, pode auxiliar em promover reflexões e alicerces na atividade de psicoterapia que se proponha a promover emancipação aos sujeitos com que se trabalha cotidianamente.

#### 4. CONCEITOS INSTRUMENTAIS O AMOR EM BELL HOOKS, A BONITEZA E OS SONHOS EM PAULO FREIRE

Considerando as condições estruturais que tornam-se continuamente presentes nas práticas clínicas em Psicologia, principalmente no caso da psicoterapia, propõe-se recuperar termos que são instrumentalizados em práticas emancipatórias e críticas nas próprias ciências humanas para pensar formas de abordar tópicos e conteúdos presentificados no contexto clínico de forma democrática e libertadora, defendendo o aspecto e a base sensível e afetiva que requer o trabalho terapêutico sem abandonar seu potencial crítico. Isso torna-se necessário pois apenas baseando-se em uma epistemologia emancipatória que é possível auxiliar o sujeito em seu próprio processo conscientizador de sua condição, permitindo uma responsabilização de si sobre os fenômenos que atravessam sua vida e do que gera seu sofrimento psíquico, permitindo gerar escolhas coerentes com sua condição dentro da estrutura social no qual está inserido.

Partindo dessa realidade, apresenta-se, inicialmente, a perspectiva defendida por hooks (2001) acerca do “amor”. A autora busca centralizar sua proposta acerca do amor inicialmente o classificando como um verbo mais do que um substantivo ou adjetivo, em que ele apenas se dá em um processo interativo e centrado nas atitudes que o sujeito realiza, mais do que é sentido apenas. Nesse contexto, portanto, abuso ou negligências são completamente deslocados desse conceito enquanto amor, que envolve desde injustiças e violações de direitos humanos na infância até a vida adulta.

Também é proposto por hooks (2001) como a honestidade é central nessa formação de vínculo partindo do amor, refletindo como abusos de poder e de dominação, ou até mesmo de manipulação, impedem uma prática de amor, contextualizando como as estruturas patriarcais e sexistas, por exemplo, impedem realizar um ato de amor verdadeiro por conta de sua inerente contradição, sendo necessário questionar e romper com esses sistemas para permitir qualquer forma de desenvolvimento afetivo efetivo no que diz respeito a si mesmo ou em comunidade. O abuso de poder acaba também por contemplar as várias facetas capitalistas que impedem esse desenvolvimento ativo e interativo do amor, como os modos de vida de competitividade e de modelos ideais de sujeitos, como previamente elencados no presente ensaio, que geram comportamentos impeditivos para a realização de comunidades, modelo interacional central para realizar-se enquanto ato de amor.

Portanto, como é elaborado por hooks (2001), gerar essa consciência de si é essencial para a prática de amor e a prática de liberdade, pois apenas considerando esse ato ativo e responsável do sujeito que é possível refletir de forma crítica sobre o contexto, as identidades geradas em uma realidade opressora e suas alianças nessa estrutura social, realizando, portanto, um processo de descolonização de formas de ser e seus imaginários. No processo de amor idealizado por bell hooks, é possível refletir sobre as introjeções psíquicas supremacistas, dispondo de recursos possíveis de pensar criticamente sobre sua condição de forma afetiva e sensível, sem necessitar inerentemente de termos academicamente complexos para conceber processos de emancipação do sujeito em uma ética coerente. Apesar de ser inserido em um contexto primordialmente de sala de aula, que defende como a educação não pode ser afetivamente neutra (Hooks, 2013), trazer esse conceito para um campo de psicoterapia pode ser imensamente relevante, permitindo um diálogo afetivo profundo, explorando os laços transferenciais estabelecidos entre o terapeuta e o paciente de forma liberatória.

Em seguida, abordar a obra de Freire (2021) em seu conceito de “sonho” é outro alicerce possível e poderoso para pensar as práticas psicoterapeutas emancipatórias. Nessa obra, Paulo Freire defende como a avaliação de uma prática deve contemplar todo o processo de forma crítica, repensando e adaptando sua progressão para observar, além dos objetivos que estão sendo completados, se “a prática nos está levando à concretização do sonho por causa do qual estamos praticando” (2021: 34).

Freitas (2015) ressalta como pensar o sonho para Freire possui uma forte conotação política e histórica, percebendo um sonho possível que une utopia e esperança em uma lógica que contempla a denúncia e o anúncio, em que se percebem as condições materiais na qual o indivíduo está inserido e, partindo dessa realidade, fundamenta-se uma crítica orientada pela mudança, construída continuamente e coletivamente. Perceber um sonho é, portanto, criar uma imagem sensível sobre um futuro emancipatório possível, com seus objetivos e seus processos sendo continuamente avaliados e transformados para sempre estarem alinhados com essa libertação digna do sujeito, em um movimento de transformação e de esperança. Como pensa hooks (2013), deve-se emancipar do binário bom/ruim, erradicando a qualificação por números, percebendo continuamente o motivo do que se está praticando e como esse processo está sendo construído, fator de imensa relevância em uma clínica que quer distanciar-se do mote de “melhoramento de si”, que se rende sobre uma lógica individualista do sujeito, além de evitar apenas uma escravidão sobre uma eterna busca do “bom” e da felicidade, analisando criticamente sua condição com suas potencialidades e com o sentido de suas práticas cotidianas, permitindo uma emancipação de diversas estruturas que são mantidas a partir do sofrimento psíquico.

Por fim, aborda-se o conceito de boniteza, como defendido por Paulo Freire. Redin (2015) elabora como esse termo simboliza, para Freire, as diversas qualidades que envolvem perceber a vida, como a “amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade” (2015: 119) enquanto realização não apenas individual, mas coletiva. Para essa realização, deve-se mudar as condições do contexto para melhorar e aprofundar as potencialidades de transformação, continuamente contextualizando, comparando, valorando as práticas em uma estrutura ética que reconhece sua responsabilidade no processo (Freire, 2014).

Nesse contexto, Freire (2005) ressalta como a boniteza estaria centrada na própria prática do sujeito, em atitudes como buscar um rigor ético sem estar demasiadamente preso a certezas, continuamente questionando as práticas do mundo e suas próprias práticas. Assegurar a boniteza é, portanto, estar continuamente refletindo sobre a decência de estar no mundo, pensando-o, também, em uma dimensão estética, atrelando um valor imaginário sensível sobre esse próprio modelo de estar e vivenciar as relações no cotidiano, não despindo-o de sua política e de sua responsabilidade como puramente beleza ou felicidade, mas reiterando os princípios de amor e de sonho, como previamente delimitados, para guiar uma forma de estar no mundo

que, além de gerar afetos, não reproduz uma lógica de mercado que retroalimenta seus serviços, mas exatamente emancipa o sujeito no desenvolvimento de uma consciência de si e do seu contexto, desenvolvendo uma própria radicalidade da esperança para o próprio sujeito em sua realidade.

Atrela-se, portanto, como Freire (2005) ressalta, a boniteza na própria prática em suas condições materiais para transformação da realidade, que viabiliza o diálogo e que percebe um inacabamento da experiência do sujeito, que se abre para os outros para questionar suas estruturas em um olhar continuamente ético. Pensar na boniteza é impedir o fechamento ao mundo, percebendo o mundo e a sua própria condição nele para compreensão da realidade de forma ética.

Portanto, pensar a instrumentalização de conceitos da Educação permitem atravessar as ilusões de resolução individual e acrítica desenvolvidas contemporaneamente no campo da Psicologia, percebendo o sujeito em suas contradições e em contínuo contato com sua realidade e com a estrutura social na qual está inserido. Nessa dinâmica, pode-se promover uma reflexão crítica sobre a condição que gera o sofrimento psíquico que leva o sujeito para a clínica de psicoterapia sem abrir mão do caráter afetivo e sensível que requer para o contato interpessoal nesse contexto de vulnerabilidade.

Seja pela via discursiva, utilizando-se de expressões cotidianas de caráter sensível, ou de forma estética, atribuindo um teor visual qualitativo em práticas emancipatórias. Todos os conceitos aqui dispostos podem ser pensados como resposta sobre um sofrimento psíquico que advém de dilemas contemporâneos atrelados a modos de vida de regimes neoliberais, repensando suas formas de resolução na realidade cotidiana, sem depender do contexto em que originalmente foram pensados, como na sala de aula, mas podendo ser contextualizado e promovido no cotidiano em todos os momentos nos quais são inseridos contatos interpessoais significativos, além de poder permitir reflexões acerca de como o próprio sujeito simboliza e significa suas experiências de vida de forma crítica, sobre o que é valorizado e como são relacionadas suas diversas experiências de vida intra e interpessoais.

Portanto, partindo dessa dinâmica, ressalta-se o caráter transdisciplinar que ocorre na realidade ao trabalhar sobre os sofrimentos psíquicos que advém de regimes de vivências que são continuamente moduladas de acordo com as dinâmicas de mercado. Como Nicolescu (2018) defende, há um olhar acerca de “dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo” (2018: 54), em que a Educação não é pensada apenas em contextos de instituições escolares, e a Psicologia não é pensada apenas em um contexto de promoção de saúde acrítica, não sendo refletido como a própria clínica pode refletir os modelos econômicos na qual ela está inserida e sobre as possíveis práticas emancipatórias que podem ser empregadas nesse processo.

Considerando a proposta de Mignolo (2003) de que não existe modernidade sem colonialidade, e como ambos os projetos se acomodam e se sustentam, além dos limites do pensar de uma perspectiva de sistema mundial, permite-se, ao refletir continuamente a partir da crítica material sobre a realidade cotidiana, portanto, realizar uma prática descolonial contínua e emancipatória, criando novas formas de estar no mundo a partir da transdisciplinariedade. Aliar as ciências humanas em práticas profissionais concisas é um ato indispensável para a contemporaneidade, em que diversas influências mercadológicas e desumanizadoras atravessam o cotidiano geral da população, revelando e reiterando a importância dessas reflexões para fomentar uma Psicologia emancipatória.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio buscou desenvolver uma proposta para a prática em psicoterapia aliada a conceitos previamente desenvolvidos para o campo da Pedagogia e da Educação, nomeadamente o uso do conceito amor por bell hooks e os de sonho e boniteza para Paulo Freire. Os conceitos permitem desenvolver práticas

afetivas, sensíveis e estéticas para a clínica psicológica, questionando diversos elementos da realidade que compõem a vida dos sujeitos no cotidiano contemporâneo, permitindo contrapor diversas práticas em psicoterapia que apenas atuam como forma de manutenção do *status quo* na formação de sujeitos que desenvolvem sua identidade e sua experiência no dia-a-dia em torno das lógicas de mercado.

O instrumental teórico aqui delimitado em torno dos conceitos de bell hooks e de Paulo Freire permite abordar tópicos clínicos que decorrem de experiências cotidianas, pois não é trabalhado ou falado um tópico que se resume ao campo da Educação apenas, imaginada em seu modelo de educação formal com salas de aula e instituição de ensino, mas proposto um olhar sobre como o educar e o aprender se dá entre pessoas que compartilham experiências. Os conceitos utilizados ressaltam o aspecto interpessoal e de construção de comunidade, fenômeno que atravessa o pensar as Ciências Humanas em suas diversas instâncias, tornando possível sua aplicação nas práticas de psicoterapia, buscando alinhar um processo de cura do sujeito com uma base que é simultaneamente sensível e emancipatória.

Portanto, seja no campo da Educação ou da Psicologia, os referenciais teóricos aqui dispostos permitem aprofundar uma análise que contemple os aspectos críticos e afetivos sobre a vivência cotidiana da pessoa. O próprio cotidiano que o indivíduo vive, com seus diversos contatos e sua miríade de qualidades, torna-se objeto possível de ser pensado pelo prisma dos conceitos dispostos no presente trabalho, tornando a própria vivência em suas diversas instâncias possível de ser pensada enquanto cura e emancipação.

Ressalta-se a importância de refletir e trabalhar de forma transdisciplinar para perceber os diversos níveis de Realidade que compõem o cotidiano, estruturando conhecimentos descoloniais transversais, que permitam contrapor uma lógica neoliberal que invade em diversos níveis e instâncias o cotidiano da população geral. Incentivam-se, por fim, a realização de estudos teóricos e empíricos, de caráter qualitativo e quantitativo, partindo continuamente do contato entre diversas áreas do conhecimento nas ciências humanas, dando continuidade a esse diálogo indispensável para melhor compreensão dos processos que atravessam sensivelmente a vida de quem apresenta-se tanto nos consultórios de psicoterapia quanto nas instituições escolares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augé, M. (2012). *Para onde foi o futuro?*. São Paulo: Papiro.
- Bridle, J. (2019). *A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro*. Todavia.
- Cabanas, E., & Illouz, E. (2019). *Manufacturing happy citizens: How the science and industry of happiness control our lives*. John Wiley & Sons.
- Crary, J. (2016). *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Ubu Editora LTDA-ME.
- Dunker, C. (2021). A hipótese depressiva. In Safatle, V., da Silva Junior, N., & Dunker, C. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora.
- Franco, F., Castro, J. C. L. D., Manzi, R., Safatle, V., & Afshar, Y. (2021). O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In Safatle, V., da Silva Junior, N., & Dunker, C. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. São Paulo: Paz e Terra.

- Freire, P. (2021). *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, A. L. S. (2015). Sonho Possível. In: Streck, D. R., Redin, E., & Zitkoski, J. J. (Eds.). *Dicionário Paulo Freire*. Autêntica.
- Hooks, B. (2001). *All about love: New visions*. Harper Perennial.
- Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Kehl, M. R. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. Boitempo Editorial.
- Mignolo, W. D. (2003). *Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Editora UFMG.
- Neves, A., Ismerim, A., Brito, B., Costa, F. D., Santos, L. R. P., Senhorini, M., Junior, N. S., Beer, P., Bazzo, R., Golsanves, R., Coelho, S. P., & Carnizelo, V. C. R. (2021). A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In Safatle, V., da Silva Junior, N., & Dunker, C. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora.
- Nicolescu, B. (2018). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Editora Intrínseca.
- Redin, E. Boniteza. (2015). In: Streck, D. R., Redin, E., & Zitkoski, J. J. (Eds.). *Dicionário Paulo Freire*. Autêntica.
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: Safatle, V., da Silva Junior, N., & Dunker, C. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora.
- Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância*. Editora Intrínseca.